

**Trabalho apresentado no VI Congresso Internacional sobre  
as Festas do Divino Espírito Santo  
Winnipeg/Canadá  
11 a 15 de junho 2014**

**Festa do Divino Espírito Santo e seu registro fotográfico.**

Jairton Ortiz da Cruz<sup>1</sup>

**Resumo:**

A Festa do Divino Espírito Santo tem seu registro oficial na cidade de Gravataí/RS, desde o ano de 1859. Após alguns anos sem sua prática, é retomada em 2002, pelos grupos sociais da região. Temos como objetivo apresentar as motivações e interesses que levaram o reinício da prática festiva na comunidade. Utilizamos como ferramenta a fotografia e registros documentais, para apreendermos os saberes e fazeres da comunidade gravataiense. Este estudo quer contribuir para o reconhecimento e valorização da cultura açoriana na cidade de Gravataí/RS, bem como faz parte dos estudos desenvolvidos no Programa de Pós- Graduação em História, nível mestrado, na Universidade do Vale Rio dos Sinos (UNISINOS).

**Palavras-chaves:** Festa; fotografia e cidade.

A cidade de Gravataí/RS, antiga Aldeia dos Anjos, foi um dos primeiros locais a ser habitado pelos casais açorianos. Eles vieram para o Rio Grande de São Pedro (atual Rio

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Bolsista CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

Grande do Sul) no século XVIII. Também trouxeram para a região suas práticas culturais<sup>2</sup> como as festas: Festa das Cavalhadas, Terno de reis<sup>3</sup> e a Festa do Divino Espírito Santo.

Cabe ressaltar, que a vinda dos açorianos pode ser caracterizada em dois momentos distintos: o primeiro, ao sair de sua terra de origem, e o segundo, ao estabelecer-se em território desconhecido na busca de novas possibilidades de trabalho, crescimento e com o desejo de regressar, posteriormente, à sua terra natal. Segundo Monteiro:

a migração e a emigração são expressões que designam a deslocação de indivíduos do seu território geográfico, social e familiar, por um determinado tempo e inseridos numa corrente de intensidade variável, na suposição do retorno ao sítio de saída, depois de cumpridas ou não as expectativas que a motivaram, confrontando-se, assim dois lugares distintos: o da saída e o de destino, ou seja, a existência de rupturas de natureza social, familiar e afectiva.

Essa trajetória deixou marcas em algumas localidades povoadas pelos açorianos que formam hoje as cidades de Viamão, Porto Alegre, Taquari, Osório, Santo Antônio da Patrulha e Gravataí – esta última chamada, no período colonial, de Aldeia dos Anjos. Na atual cidade de Gravataí, o festejo do Divino Espírito Santo veio com estes primeiros povoadores e foi celebrada ininterruptamente desde 1859 até o final do século XX, quando foi suspenso, retornando o festejo às suas atividades no ano de 2002, mas vem sendo atualizado de acordo com elementos oriundos das celebrações da Ilha Terceira (Açores).

Verificamos inicialmente, que são as instituições, alguns segmentos e algumas personalidades da cidade de Gravataí, entre os quais os comerciantes locais, por exemplo, que retomaram o festejo em 2002. Dentre as instituições que lideram esta retomada pode-se citar a Igreja Nossa Senhora dos Anjos que, por muitos anos, apropriou-se da festa para ordenar a comunidade local, segundo Jachemet (2002). O controle da festa por parte da Igreja intensificou-se quando assumiu a paróquia o Padre Pedro Wagner, no período compreendido entre 1913-1959, o qual possuía a tarefa de organizar e centralizar a festa, chegando, inclusive, a interferir diretamente nas questões sociais, políticas e econômicas.

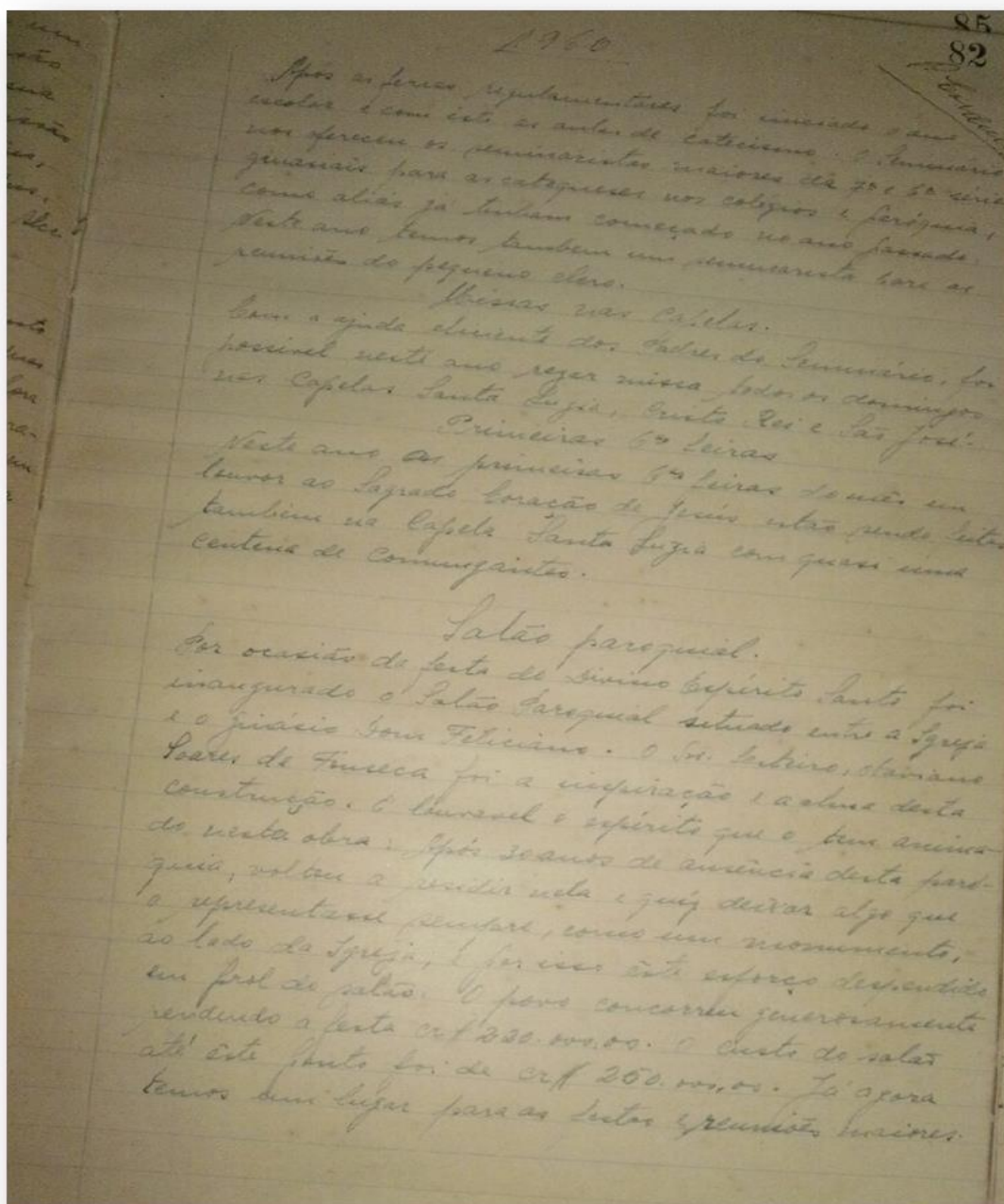
---

<sup>2</sup> Entende-se por práticas culturais (festas, celebrações, rituais) as manifestações da vida cotidiana em sua totalidade. Elas são de aceitação coletiva, vivas e utilizadas pelo povo. Expressam seu sentir, pensar e agir na sociedade em que se vive. Com o estudo das práticas culturais, pode-se ter maior compreensão dos seres humanos, pois eles revelam suas semelhanças e diferenças, independentemente do tempo, da localização geográfica ou da formação social.

<sup>3</sup> O Terno de Reis é uma festividade de origem luso-açoriana, baseado nos acontecimentos da Sagrada Escritura, trazida pelos colonizadores açorianos. A festa começa no dia 24 de dezembro e vai até o dia 06 de janeiro. Os grupos cantam e louvam o nascimento do Deus-Menino, percorrendo as casas da localidade.

Essa informação ficou evidente no levantamento dos dados, em alguns documentos<sup>4</sup> analisados, que apresentam a importância da festa, antes de sua interrupção, sendo promovidas certas ações sociais (ajuda aos enfermos, hospitais, famílias desabrigadas e etc.) com os recursos da mesma, também eram feitas melhorias na estrutura física da Igreja Nossa Senhora dos Anjos em Gravataí/RS. De acordo com o documento abaixo:

Livro Tombo I – Ano 1960 – p.82



<sup>4</sup> Livro de Registro Tombo I – Paróquia Nossa Senhora dos Anjos (1914-1964)- p. 82.

O documento acima trata da inauguração, do salão da Paróquia Nossa Senhora dos Anjos, construído com recursos financeiros da celebração do Divino Espírito Santo. Este fato demonstra que o festejo possuía certo significado econômico, na receita da Igreja, sendo utilizado para melhorias na estrutura física paroquial.

Outra instituição que teve papel importante na revalorização da festa foi a CAERGS (Casa dos Açores do Estado do Rio Grande do Sul), fundada no ano de 2003, com o propósito de resgatar as raízes açorianas da comunidade de Gravataí, bem como de promover a valorização e divulgação da açorianidade no mundo, por meio do apoio a estudos e pesquisas sobre o tema.



Casa dos Açores do Estado do Rio Grande do Sul (CAERGS) / Gravataí/RS. Ano 2007. Acervo do autor.

A CAERGS faz parte das onze casas existentes no mundo que buscam representar a cultura açoriana e promovem diferentes ações culturais e educacionais, no sentido de resgatar a tradição dos ilhéus nas localidades diferentes localidades por onde passaram.

Temos ainda, a Prefeitura de Gravataí, que reconhece a festividade como parte da história da cidade, havendo a participação e incentivo do poder executivo na promoção do evento.

Em termos metodológicos, nesse trabalho, utilizamos a fotografia. Nesta procuraremos perceber o tempo da festa, no sentido de identificarmos as alterações na prática da celebração, como também verificarmos o significado da festividade para a comunidade, após sua retomada no ano de 2002. Conforme Peter Burke (2004, p. 34-35):

Sejam eles pintados ou fotografados, os retratos registram não tanto a realidade social, mas ilusões sociais, não a vida comum, mas performances especiais. Porém, exatamente por esta razão, eles fornecem evidência inestimável a qualquer um que se interesse pela história de esperanças, valores e mentalidades sempre em mutação.

Em consonância com Burke (2004), Luciana Aguiar Bittencourt (2006), ao analisar as características da imagem fotográfica, observa a compreensão simbólica dos universos culturais contidos nas imagens.

A autora salienta a importância da imagem fotográfica, pois nos apresenta as dimensões do espaço social, nos possibilitando o estudo iconográfico, através de uma descrição etnográfica, colocando em evidência o conteúdo da imagem, seu tempo histórico, dados culturais. Desta forma, a imagem pode nos auxiliar para a compreensão do passado na Festa do Divino.

Nesse mesmo sentido, Eugênia Maria Dantas (1999), no seu artigo *Educação-fotografia: impressões e sentidos*, compreende a fotografia como uma unidade complexa, portadora de sentidos, que muito fala sobre o homem.

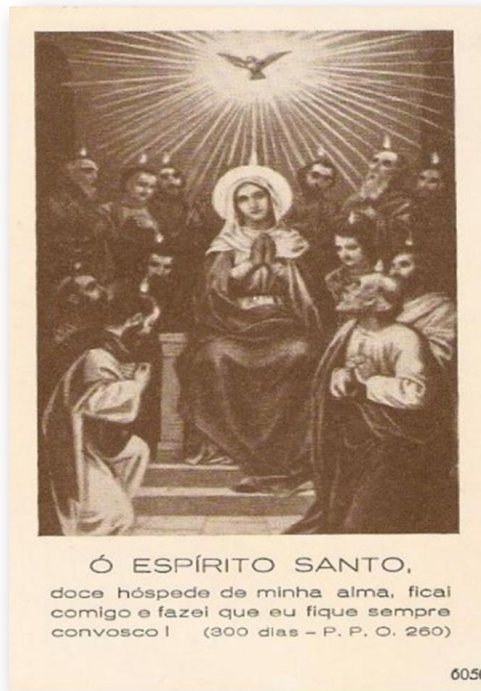
A fotografia, segundo a pesquisadora, apresenta diversos aspectos de comunicação com o observador; narra, descreve, interroga, informa; faz toda uma análise descritiva e traz ao leitor um olhar de estranhamento sobre a imagem constituída.

Dantas (1999), por fim, afirma que a fotografia tem o poder de desacelerar o olhar para ver os detalhes, valores, desejos e compor as narrativas que revelam sentidos diversos da história do homem.

Nesta perspectiva, utilizamos as imagens abaixo para demonstrarmos o tempo da festa e suas alterações, através da Lembrança da Festa do Divino Espírito Santo 19 a 28 Maio 1944. Esta apresenta em seu verso os festeiros do período, bem como os cargos de juíza, alferes da bandeira e por último a presença marcante do vigário Cônego Pedro Wagner.

Observamos que um dado chama a atenção na composição deste quadro, o fato do nome do padre constar como um dos realizadores da celebração, colocando o como figura central na prática da festividade, como uma personalidade que quer ser lembrada.

Lembrança da Festa do Divino Espírito Santo do ano 1944.



Folders da  
Festa do  
Espírito  
Santo em  
Gravataí/  
RS-2005 e  
2006.



Os folders acima são distribuídos pela comissão do festejo, na comunidade gravataiense, com o objetivo de marcar o tempo da celebração. Assim, observamos a atualização do registro da festa, através dos recursos gráficos que dispomos no século XXI, bem como o modo de fazer da comunidade.

Este dado é traduzido no avanço da modernidade<sup>5</sup>, nas alterações impulsionadas pela globalização, algumas necessidades como as de erguer novamente as fronteiras identitárias e a etnicidade. Esta última tem sido um dos aspectos mais valorizados para reordenar os sentidos comuns nos grupos sociais, uma vez que Gravataí torna-se, na contemporaneidade, uma cidade pólo no desenvolvimento industrial e ganha destaque no panorama sócio-econômico sul-riograndense. Nesse sentido, Jachemet (2002, p. 84) aponta a cidade como “[...] o Terceiro Pólo Industrial da América Latina e um dos dez municípios de maior arrecadação de ICM do Estado.”

O excerto nos permite pensar que a Festa do Divino passa por ressignificações ao passar dos anos, pois os sujeitos imprimem seu olhar na festividade, ou seja, o seu fazer está ligado ao seu contexto histórico-social que vivem.

Em outras palavras, a comunidade gravataiense passou por alterações ao longo de sua história, em meio a mudanças constantes nos campos: social, político e econômico. Isso afetou diretamente as relações, os comportamentos, os hábitos e os costumes da cidade. Assim, ela passa a ser não mais uma comunidade rural, que segue a vida tranquilamente, com o tempo ordenado e a vida “na santa paz”, mas, conforme aponta o autor:

A comunidade de outrora, o ritmo, regulado pela natureza, da lavoura, e a rotina, regulada pela tradição, da vida do artesão, por uma outra rotina artificialmente projetada e coercitivamente imposta e monitorada. (BAUMAN, 2002, p.36).

Ao analisarmos a citação acima, percebemos que Bauman(2002) mostra dois tipos de comunidade; a primeira, aquela de tempos atrás, de antigamente, que vivia num tempo comum, tranquilo; e a segunda, dos tempos atuais, caracterizada por acelerar os processos, mudar constantemente, monitorar pessoas e grupos, consumidora desenfreada, por falta de tempo.

---

<sup>5</sup> De acordo com Giddens, a modernidade altera radicalmente a natureza da vida social cotidiana e afeta os aspectos mais pessoais de nossa existência. A modernidade deve ser entendida num nível institucional. (GIDDENS, 2002, p.9)

Pode-se pensar, então, a comunidade de Gravataí no decorrer de sua história, dos tempos que tinha um estilo de vida rural e sereno, diferente dos dias atuais. Agora a cidade precisa dar conta das transformações ocorridas no seu seio social e jogar com o local e o global, ou seja, abarcar as alterações da modernidade e conectá-las à comunidade, sem perder o norte e, ainda, assegurar a continuidade da tradição local, frente à sociedade de consumo.

A Festa do Divino na comunidade (re)significa-se a partir das novas atualizações que são necessárias, pois passa a direcionar-se ao encontro do consumo. Até o ritual do *bodo* precisa ter ingressos vendidos. Cabe ressaltar que antes ele era gratuito à comunidade e, nos tempos atuais, passa a atender à necessidade da Igreja, alegando que é preciso pagar a luz, a água, o gás e manter os trajes dos festeiros. Assim, cobram-se R\$ 20,00 por pessoa para confraternizar o *bodo*.

Outro ponto a ser alisado, refere-se às preces que os participantes solicitam ao Divino, agradecem as dádivas alcançadas e realizam o festejo como forma de retribuir as bênçãos recebidas.

Desse modo, apropriamo-nos de Marcel Mauss (2003) quando trabalha com o conceito de *reciprocidade* que permeia as relações sociais, promovendo a manutenção destas através da prática das trocas, ou seja, o autor, em seus estudos sobre as trocas entre os grupos sociais, ensina que o trocar não é um simples ato, mas um ritual que possui uma norma religiosa, política, social, econômica, que orienta e organiza a coletividade no seu espaço de vivência. Subjetivamente, esse ritual perpassa uma esfera mágica que deve ser respeitada pelos participantes, como chega a indicar; “uma troca de almas”, ambos partilham algo que lhes pertence e está representado no objeto de troca. Nesse sentido, os elementos acima orientam a pensar a Festa do Divino como um fato social total, por contemplar em sua estrutura diversas esferas, tais como: *a social*, representada por um grupo de imigrantes açorianos que passam a residir no território de Gravataí no século XVIII e fazem parte dos grupos sociais que contribuíram para formação da cidade; a cultural; que se apresenta quando os açorianos deixam sua marca através das manifestações culturais, tais como Festa do Espírito Santo, Cavalhadas, Terno de Reis, brincadeiras, danças, culinária; *a política*, que pode ser entendida como prática de ações que possibilitam a materialização das vontades da comunidade em torno do festejo como, por exemplo: a realização de



acordos com a Prefeitura de Gravataí para incentivar a celebração através da Secretaria de Cultura; e a econômica, representada pela arrecadação de doações em dinheiro na promoção da festa, investimentos dos recursos financeiros em ações sociais para a comunidade. Um fato social total segundo Mauss (2003) é, portanto o conjunto de elementos que constituem a estrutura da sociedade. Ainda segundo o autor a dádiva fundamenta o conceito de reciprocidade que aparece nas relações contidas na Festa do Divino.

Em síntese, é possível refletir sobre a Festa do Espírito Santo na cidade de Gravataí/RS, como uma prática cultural açoriana que fala da história da cidade, das vivências dos grupos sociais, dos sentimentos, desejos, emoções e etc.

Ressaltamos que este estudo está em fase de finalização, os dados apresentados fazem parte de um recorte da dissertação.

#### **Referências Bibliográficas:**

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**; Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002

BITTENCOURT, Luciana Aguiar. **Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica**. In\_: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Miriam L. Moreira. Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas/SP: Papirus, 2006, p.288.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: Edusc, 2004.

DANTAS, Eugênia Maria. **Educação – Fotografia: impressões e sentidos**. Acesso: 13 de maio de 2014, disponível em: \_\_\_\_ <http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0209t.PDF>.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

JACHEMET, Célia Silva. **Tempo de Festa: uma análise da Festa do Divino (Espírito Santo)-1859-1933- Gravataí e Santo Antônio da Patrulha**. Porto Alegre: Evangraf, 2002.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. In: Ensaio sobre a dádiva e a razão da troca nas sociedades arcaicas. São Paulo: Cosac & Naify, p. 183-294, 2003.